

-18-

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA E ANTROPOLOGIA (DSA)

APANHADOS HISTÓRICOS SOBRE A SOCIEDADE ANÔNIMA INDÚSTRIA

TÊXTIL DE CAMPINA GRANDE - Pb,

1930 - 1945

por

GENIDALVA CABRAL DAS CHAGAS

CAMPINA GRANDE - PARAÍBA

1 9 8 5

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA E ANTROPOLOGIA (DSA)

APANHADOS HISTÓRICOS SOBRE A SOCIEDADE ANÔNIMA INDÚSTRIA

TÊXTIL DE CAMPINA GRANDE - Pb,

1930 - 1945

(por)

GENIDALVA CABRAL DAS CHAGAS

Monografia apresentada à Banca Examinadora, composta por GENNY DA COSTA E SILVA (Orientadora), JOSE FA GOMES DE ALMEIDA E SILVA e MARIA DO SOCORRO XAVIER. Indicadas pela Comissão da Disciplina Projeto e Elaboração de Monografia do Curso de Bacharelado em História.

CAMPINA GRANDE - PARAÍBA

1 9 8 5



Biblioteca Setorial do CDSA. Dezembro de 2022.

Sumé - PB

S U M Á R I O

	<u>Página</u>
INTRODUÇÃO	
1. A CRISE DO CAPITALISMO 1929 - 1945.....	11
1.1 - O Reflexo da Crise no Brasil.....	17
1.2 - A Crise Diante da Frágil Economia Nordestina	35
2. O ALERTA INDUSTRIAL CAMPINENSE.....	49
2.1 - <u>A Sociedade Anônima Indústria Têxtil de Campi</u> <u>na Grande</u>	55
2.2 - Organização Empresarial.....	61
2.3 - O Processo de Despolitização do Operariado...	71
CONCLUSÕES.....	87
BIBLIOGRAFIA.....	89

INTRODUÇÃO

A monografia que ora apresentamos para julgamento se intitula: APANHADOS HISTÓRICOS SOBRE A SOCIEDADE ANÔNIMA INDÚSTRIA TÊXTIL DE CAMPINA GRANDE, 1930 a 1945. Estudaremos neste trabalho, o processo histórico de uma empresa, encravada no interior da Paraíba. O tema é tentador, bastante problemático e implicou para seu desenvolvimento a leitura de bibliografia não só específica, como também a consulta de obras gerais. Através desta leitura, aliás bastante insuficiente, desejamos ^{VP} melhor compreender as razões da instalação de uma indústria têxtil em Campina Grande e, como se manteve e ^{re} consolidou-se, em pleno vigor da crise do sistema capitalista.

Através da documentação pesquisada sobre o tema* (ver relatório da disciplina Métodos e Técnicas de Pesquisa, em História II, arquivada na Coordenação do Curso de Bacharelado de História), constatamos que a SOCIEDADE ANÔNIMA INDÚSTRIA TÊXTIL DE CAMPINA GRANDE, conseguiu superar as ^{mas} dificuldades internas ^{empres} [da sociedade] e, em especial, apresentava em seus balancetes aumento de capital. Face a esta evidência, era importante detectar o fenômeno do crescimento da empresa.

Certamente que não ignorávamos o caráter capita

remos o número e a paginação.

A disposição dos capítulos obedecem a seguinte ordem: 1. A Crise do Capitalismo, 1929 - 1945, quando esboçamos as linhas e as consequências deste período histórico; no item 1.1 visualizamos as consequências deste suceder histórico no Brasil e seus reflexos na economia nordestina.

O segundo capítulo concentra-se no estudo de Campina Grande, localizando sinteticamente o alerta industrial deste município, tendo como polo de atenção a S. A. ITCG, como item 2.1, a Organização Empresarial, item 2.2, e o Processo de Despolitização do Operário 2.3.

A concretização deste trabalho se deve a orientação do Curso de Bacharelado de História, do corpo docente do Departamento de Sociologia e Antropologia do Centro de Humanidades do "Campus" II - Campina Grande, a dedicação em especial dos professores do Curso, aos quais agradeço os ensinamentos apreendidos e quanto as falhas deste trabalho monográfico assumo a inteira responsabilidade.

1. A CRISE DO CAPITALISMO DE 1929 a 1945

A partir da segunda metade do século XVIII, o mundo começara a mudar. A Inglaterra impulsionara a etapa histórica denominada Revolução Industrial. (7; 84 - 123) Daí por diante, grandes transformações se verificaram na sociedade humana: o surgimento de uma classe forte e enriquecida, a burguesia (22; 73 - 84) em oposição a esta, o proletariado cada vez mais pobre imprimia sua função de força de trabalho.

Ao lado dessas transformações sociais, se verificou a concentração dos bens de capital na mão de uma minoria, que impulsionaram o desenvolvimento econômico. Uma multiplicidade de iniciativas capacitaram o crescimento do comércio, da indústria, dos transportes, dos serviços necessários à reprodução do capital. No centro dessas inovações, se estabeleceu o sistema bancário como suporte do capitalismo industrial.

Esta fórmula simplista de abordarmos a complexidade das transformações ocorridas no século XIX, esconde o jogo de interesses peculiares ao sistema. Após 1870, a burguesia industrial se alia ao capital financeiro com vista a reordenar seus interesses no combate a concorrência comercial. Sur

gem então os aglomerados de forças econômicas compondo-se nos chamados cartéis. (22; 73 - 84) A atuação destes blocos econômicos, para a conquista de mercado, gerou a partilha do mundo em campo de atuação de grandes potências industriais sob a égide do Imperialismo.

Do final do século XIX, as primeiras décadas do século XX, ascende no cenário das grandes nações imperialistas, os Estados Unidos da América. (25; 357-375) Esta nação poderosa passou a assumir uma importância singular para a sustentação do sistema capitalista, e passou também a influenciar direta ou indiretamente os países fornecedores de alimento e matéria-prima, e portanto, ^{relatando o} ~~em~~ condição de subordinação às nações industrializadas. A América Latina ainda em estágio pouco desenvolvido, inclusive o Brasil, ficariam na esfera da dominação e influência norte-americana. (25; 357-375)

As dificuldades contínuas entre a expansão industrial e a hegemonia do mercado foram motivos de conflitos entre povos e nações e responsável pelo primeiro conflito mundial (1914 a 1918). (23; 139-174) A participação dos Estados Unidos neste conflito repercutiu de imediato na economia daquele país; no entanto deixou um saldo negativo às nações europeias, que buscaram soluções para a recuperação de suas pobres finanças. Uma política de austeridade econômica, foi estabelecida como medida à recuperação dos países mais atingidos da Europa. Com esta atitude, os Estados Unidos perderam um forte mercado e enfrentaram uma difícil situação, pois sua produção ficava encalhada. A consequência deste fenômeno foi de real impacto para a economia americana. Desencadeou-se nesta gran

de potência capitalista um desastre financeiro, originando falências, fechamentos de bancos, descredito dos títulos e ações e socialmente o desemprego em massa. Esta "boom" passou à história com o nome de "crise de 1929" e teve uma repercussão significativa para a economia do mundo capitalista.

Com vista a salvaguardar sua economia, os Estados Unidos ^{sob} a tutela do Presidente FRANKLIN DELANO ROOSEVELT, reordenou ^{ou reordenou} internamente uma intensa onda de nacionalismo, controlou, através de decretos federais, a produção industrial, a distribuição dos alimentos, combustíveis e até das notícias. ^E Mas sobretudo, a instituição do NEW DEAL, (25; 357-375), criada para vencer a depressão que solapava a nação. Entre as medidas impostas, houve a da contenção da inflação, subsidiar os fazendeiros no controle da produção, limitação da produção industrial, acordos salariais e tabelamento de preços. Como solução ao desemprego, foi estabelecido um programa de grandes obras públicas (hidroelétricas, barragens). Estas medidas sa neadoras apesar de não resolverem a crise interna originaram críticas dos políticos oposicionistas, no entanto prepararam os Estados Unidos para enfrentar ^{galhardamente} o segundo conflito mundial que se avizinhava (1939 a 1945). É importante salientar que ^{entre} durante o período da crise (1929) e o segundo conflito mundial (1930), esta nação conseguira agigantar suas empresas pela concentração de capital, e paulatinamente, desarticulava as pequenas e médias empresas, ^{formando-se assim} vencendo indubitavelmente os grandes monopólios empresariais, que passariam a dominar e dirigir a economia do país. A indústria armamentista foi ^{instituída} incrementada como veículo de força para sustentar as ditaduras

do terceiro mundo e, sobretudo ^{parte} encadeada à serviço da segunda guerra, ^{Dele face,} assim sendo os Estados Unidos superaram a crise, tornando-se a maior potência econômica e militar do mundo capitalista. (25; 357-375)

Assim exposto, facilmente se compreende a hegemonia assumida pelos Estados Unidos na América Latina e, em especial, no Brasil. Com relação a presença do capital financeiro norte-americano no nosso país, lembramos que o café era a nossa base financeira e os Estados Unidos o maior consumidor deste produto. Obviamente, que a nossa subordinação àquela nação se tornara um fato concreto, e o custo desta subordinação incidiria nas economias mais frágeis e sobre as camadas populares.

1.1 - O REFLEXO DA CRISE NO BRASIL

A história brasileira se fundamentou originalmente no setor agrário exportador. Durante cerca de três séculos, de subordinação do Brasil à Metrópole Portuguesa, sustentou a nação a agro-indústria açucareira, que também sedimentou uma sociedade composta de uma elite latifundiária toda-poderosa, uma classe média sem oportunidade, porquanto todas as tarefas de trabalho esteve sobre os ombros de escravos africanos. Este contexto social político e econômico, sob o impacto das transformações ^{revoluções} do capitalismo ^{de} entra em contradição. A penetração de novas idéias e as mudanças ocorridas na colônia geraram o movimento da independência, vitoriosa em 1822. Inicia-se assim o período histórico do Brasil politicamente independen

te, sob a tutela ainda da representação dos interesses da Me
trópole. A fase de D. Pedro I foi curta (1822 a 1831), ^{seguida} com o
interregno da Regência, ^{que é de} ~~(1831 a 1840)~~, quando assumiu
D. Pedro II os destinos do Brasil ^{durante} ~~numa fase de~~ quase 50 anos
(1840 a 1889).

Neste longo período, de governo, os interêsses eco-
nômicos do país se transferiram para o centro sul, assumindo
a agricultura cafeeira a liderança como produto básico das
nossas finanças. Simultaneamente, se estimulava o setor indus-
trial, enquanto o Nordeste ia cedendo seu espaço econômico,
em virtude da crise da agro-indústria açucareira, ^{de} ~~da~~ persistên-
cia ^{de} tradicionais relações sociais de produção, que mantinha
intacto o latifúndio. A desarticulação do mercado açucareiro
provocou a ^{lavor} ~~impasse~~ da elite açucareira e a conseqüente "moder-
nização" do parque industrial açucareiro para as usinas, sem
que tivesse acontecido a divisão entre setor agrário e indus-
trial de fato.

No bojo dessas transformações, as forças políti-
cas insatisfeitas se mobilizam na campanha abolicionista e
concomitantemente no movimento Republicano. O processo da abo-
lição sofreu ^{marcas e contramarcas} ~~recursos~~ e aceleração, até que em 1888 se extinguiu
o sistema escravista no Brasil; e no ano seguinte 1889 se
inaugura ^o ~~o~~ regime republicano brasileiro. Este sistema ^{histo-} ~~histo-~~
~~ricamente~~, para efeito didático se divide em República Velha
de (1889 a 1930) fase de sua consolidação e de 1930 a 1945,
~~denominada~~ a Nova República, que se caracteriza por um período
de intensas fermentações sociais, novas diretrizes políticas
e o ^{vig} ~~vig~~oramento do setor industrial brasileiro, ao lado de

idéias progressistas, defendidas pela burguesia industrial.

Este setor industrial se concentrava primordialmente no ^{nordeste} sul-brasileiro, e em especial em São Paulo, onde a indústria têxtil se constituíra num setor de certa importância. Este setor dependia para seu estímulo da matéria-prima do Nordeste brasileiro. O algodão mocô, produto nativo de vastas áreas do interior nordestino, fora incentivado, em função inicialmente da indústria têxtil externa. Em alguns momentos, se transformara em importante produto para a economia nordestina, porém este mercado sofria as oscilações das crises políticas entre as grandes potências capitalistas, e inclusive, da concorrência norte-americana, que sempre dominou o mercado na condição de maior produtor têxtil. Com a estabilidade dos problemas políticos entre as potências, o algodão nordestino restringiu ^{seu mercado} ~~seu mercado~~ na posição de abastecedor do parque industrial ^{do sul} ~~sul~~ brasileiro.

Foi justamente nesta posição, que a Paraíba estimulou a lavoura algodoeira e promoveu algumas modificações com vista ao beneficiamento da fibra e do fio, ~~com esta limitação~~ pouco se incentivou ^o o setor industrial têxtil paraibano. A primeira iniciativa neste sentido data de 1881 localizada em Santa Rita, pela Companhia Paraibana de Tecidos. É importante salientar que esta fábrica produzia tecidos populares para o consumo da população trabalhadora ligada ao setor açucareiro, e fabricação de sacaria, também para embalagem do açúcar.

O algodão dirigido para esta fábrica era proveniente das culturas do sertão e agreste, e pela própria natureza

do tecido fabricado, não exigia muita especialização. ^O que não aconteceu com o setor têxtil do sul ^(SP) que a partir das duas primeiras décadas do século XX se preparava para abastecer o mercado nacional com uma produção têxtil de boa qualidade. Este impulso têxtil se firmou, sobretudo, no período entre guerras (1914 a 1945). A indústria paulista ^{superiormente} ~~sobretudo~~ a partir de 1914 ampliara seu parque têxtil, ^{utilizando a} no suporte da matéria-prima do Nordeste ^(e da Paraíba) que para São Paulo dirigiam o algodão até 1930. A partir deste momento, São Paulo assume a liderança como produtor de algodão, ^{se} ~~auto~~ abastecendo ^o e, inclusive, fornecendo matéria-prima para outros mercados, concorrendo assim com a produção algodoeira ~~do~~ ^{do} nordeste ^{em}.

Através deste esboço, tentamos mostrar as linhas gerais do desenvolvimento brasileiro. ^{Resta-nos, contudo, agora} evidenciar o reflexo da crise do capitalismo e ~~sua interferência na política econômica do Brasil.~~ ^{no comércio brasileiro} Há uma concordância ^{entre} geral ~~dos~~ estudiosos que a crise de 1929 assinala uma reviravolta na vida brasileira. O primeiro ponto a ser ressaltado é no que diz respeito à falta de mercado para o nosso café, ^{que} na condição de produtos básicos de nossas finanças, ^{a falta de mercado externo} acarretou uma escassez de divisas, ^{com a ausência de exportações} ~~que os norte-americanos nossos maiores consumidores deixaram de injetar.~~ Nesta situação, o Brasil ficou privado de utilizar o mercado externo, de onde provinha ^{de suas importações} parte importante de produtos para o comércio e ~~maquinarias~~ ^{para} a indústria.

^{economia brasileira} Esta circunstância agravou o ~~mercado~~ brasileiro mas estimulou por outro lado a produção industrial. Na ausência de possibilidade de modernização do parque industrial, ~~pe~~

la ~~própria carência de capital~~, se estimulou a capacidade ^{produtiva} interna já ^{instalada} existente. Este momento, que ^{coincide com} se constituía de estagnação do capitalismo em geral, quando a Europa se dirigira para uma economia de recessão e os Estados Unidos se viram sem mercado e superprodução encalhada, foi no entanto propício a produção industrial brasileira, dirigida ^{para} para o mercado interno.

É certo também que logo os Estados Unidos ordenaram uma política econômica de modo que salvaguardasse aquele país de novos impactos como o de 1929. Entre as metas salvadoras, se incluíram a maior participação norte-americana na política das nações latino-americanas, inclusive o Brasil.

Aliás, em nosso país, desde as primeiras décadas do século XX ~~que~~ se fermentava a insatisfação dos vários setores da sociedade. A República Velha sobreviveu debaixo de tensões políticas, de greves e crises econômicas que se acentuavam em função da própria crise do capitalismo. Para responder a este estado contínuo de insatisfações, alguns dirigentes adotaram medidas restritivas contra gastos excessivos, e outros atenderam ^a setores grevistas que reivindicavam aumento salarial, fixação de horário de trabalho, direito a férias remuneradas, assistência e saúde e estabilidade no emprego. (Ricardo Maranhão)

Nesta conjuntura transborda o conflito dos militares descontentes com os políticos civis, apontados como corruptos e considerados representantes de grupos conservadores e praticantes de uma política tradicional e atrasada. A adesão de militares na cúpula do poder, amenizou a insatisfação

de alguns, porém os militares de categorias inferiores continuaram insatisfeitos, pois compreendiam que as transformações ocorridas no Brasil não comportavam a aceitação dos métodos políticos em vigor. E na tentativa de promoverem mudanças, se organizaram no movimento denominado Tenentismo. Compunha este movimento a camada média da sociedade, desejosa de ascensão social. Esta mobilização, embora ^{não tenha} ~~sem ter~~ alcançado as expectativas desejadas, se constituiu ^{um} fato importante e revelou várias tendências políticas que atuaram no cenário brasileiro com uma presença marcante. Essa diversidade de posicionamento entre os Tenentes ^{se expressou} ~~implodiu~~ inicialmente na organização da Aliança Liberal, ~~que teve entre suas lideranças Luis Carlos Prestes. Logo este abandonou as fileiras da Aliança Liberal ingressando numa posição mais radical convertendo-se em um ideólogo do Marxismo. Nesta posição assumiu a bandeira em defesa às camadas populares e se constituindo numa figura importante do Partido Comunista Brasileiro.~~

Os Tenentes da Aliança Liberal prosseguiram em sua luta, participando de todos os acontecimentos políticos do Brasil ~~da~~ década de 20, inclusive alguns deles ~~se~~ incorporaram ^{do} na campanha ~~Getulista~~ ^{Getulista}, que inaugura ^{na} em 1930 uma nova proposta de governo. Ascendia ao poder da República brasileira, um gaúcho, que através de compromissos políticos, derrotava a política do "Café com Leite", que dominara durante a primeira República. A desarticulação da Aliança política ~~vigora~~ ^{vigora}nte - São Paulo Minas - acelerou a crise das oligarquias ~~nor~~ ^{nor}destinas tradicionais, enclausuradas em posições arcaicas, ~~in~~ ⁱⁿcapazes ~~portanto~~ de se renovarem e acompanharem assim as ~~ino~~ ^{ino}

vações urbanas e industriais, que discretamente modificavam a feição nordestina. Estas oligarquias, pressionadas de um lado, pelas correntes políticas do Sul e, do outro, pelas massas urbanas ^{que} portadora de certa consciência política, sobretudo de Recife e de Salvador, começavam a incomodar.

O resultado desses conflitos, abalou inicialmente a oligarquia, que dividida entre o apoio a Washington Luis, as forças da Aliança Liberal e outras correntes partidárias. Neste jogo político, foi importante a participação da Paraíba. João Pessoa, representante da oligarquia Epitacista, se salienta como articulador do jogo entre as oligarquias nordestinas e as sulistas. ^E tão forte foi sua presença, que o seu assassinato (26.06.1930) precipitou a Revolução, que levou Getúlio a Presidência da República.

^{durante o seu} No governo, Getúlio Vargas, ~~durante 15 anos (1930 a 1945)~~ enfrentou a crise de superprodução de café em São Paulo, sem mercado, consequência ainda da crise de 1929. ^E para assegurar o preço do produto, criou o Conselho Nacional do Café, ^{que} assumindo assim o controle deste produto, promovendo a queima de milhões de sacas, proibindo a expansão do cultivo e reduzindo os salários dos trabalhadores das fazendas. ^{Estas} medidas tiveram como resultado um aumento da população urbana e o desemprego em massa, propiciando deste modo as condições para a Revolução de 1932 em São Paulo. (10; 79-115)

Paralelamente a estes acontecimentos internos no Brasil, mudanças radicais se firmavam no mundo exterior: o socialismo russo era uma realidade; a Itália consolidara o Fascismo; a Alemanha iniciava o seu projeto político nazista, en

quanto em Portugal e na Espanha instaura-se regimes ditato-
riais, e os Estados Unidos (que se restabelecera da crise de
1929 como grande potencia industrial e militar) promove uma po-
lítica de combate as idéias socialistas, apoiando velada ou
descoberta estes sistemas totalitários. Está desencadeada as-
sim uma propaganda ante-comunista. *o inimigo se chama*
o "guerra fria"

Apesar ~~desta~~ ^{de} reação das grandes potencias capi-
talistas a ideologia marxista se divulgara, dando ensejo ^{ao}
^{expansão} surgimento dos inúmeros Partidos Comunistas (inclusive o brasi-
leiro), ~~o surgimento do Partido Comunista Brasileiro~~. Em 1934,
Luís Carlos Prestes retornou da Rússia clandestinamente, ~~ao~~
Brasil para dirigir o movimento da Aliança Nacional Liberta-
dora, (novembro de 1935). Este levante foi iniciado em Natal-
Rio Grande do Norte - dele participando os escalões inferio-
res das Forças Armadas e das camadas populares. A notícia da
rebelião chegou a Recife e ^{em março} contou com a sub-levação de alguns
oficiais e, ^{contato com o} também, ~~de~~ apoio popular, ~~mas~~ foi destroçada pelas
forças legalistas, ampliadas com o reforço de tropas da Paraí-
ba e de Alagoas. Este alerta dos movimentos ~~ordestinos~~ apres-
sou a iniciativa do Governo Federal, que decretou Estado de sí-
tio em todo território nacional e prontidão rigorosa na Capi-
tal Federal. As tentativas dos conspiradores, no Rio de Janei-
ro, ^{redundaram} arredondaram em total fracasso.

Com a derrota deste movimento, ^{o governo} rebelde ~~o governo~~
encontrou justificativa para desencadear uma repressão siste-
mática contra ^{as} ~~as~~ forças populares e oposicionistas, indepen-
dente da corrente ideológica. ^{elas} dela também se aproveitou a fac-
ção reacionária, auxiliando o governo na campanha de terroris-

mo com vista a um saneamento ideológico bastante útil a bur-
 guesia industrial, que ~~de~~ se utilizaria ^{de uma maneira} para oprimir as jus-
 tas reivindicações dos assalariados. Mas, sobretudo, foi impor-
 tante para ^{que} Getúlio Vargas adotar ^{as} medidas preparatórias ~~e~~
^{em 1937} estabelecer o Estado Novo (1937 a 1945).

Agora, numa posição ditatorial, Getúlio Vargas pro-
 move ^{via} a intervenção nos governos estaduais e ^{através de} num jogo político,
 iniciava uma política populista ^{que o manteve} para sua permanência no po-
 der. O Estado Novo preparava ^{de} sua máquina de modo a tornar os
 sindicatos tutelados ^{de} ao Estado, ^{transformando} indicando como lideranças pe-
 legos ^{que se tornaram} "Marionetes" do Estado. ^{em} Ao mesmo tempo,
~~que~~ Getúlio "doava" ao trabalhador as Leis Trabalhistas (1943)
 que se constituíram ^{em} num instrumento legal reconhecido pela clas-
 se trabalhadora, ^{Gracias a isto Vargas foi} que elevou Getúlio a ser aclamado como "Pai
 dos Pobres", não obstante ^{que sua política social} ter sido ~~este~~ instrumento utilíssi-
 mo como controlador ^{do} do trabalho-capital, e, portanto, de muita
 valia para os grupos privilegiados.

Em 1939, rompeu a 2ª Guerra Mundial e um novo con-
 texto político tomava fôlego, agora, contra os regimes totali-
 tários. A indecisão, segundo alguns, da posição de Getúlio Var-
 gas/sobretudo a partir de 1941, levaria a população as ruas,
 exigindo a participação do Brasil neste conflito. Getúlio Var-
 gas rompeu ^{via} relações com os países do eixo, e as tropas brasi-
 leiras são preparadas para participarem do conflito. O con-
 fronto entre a defesa da democracia e a Ditadura Getulista se
^{formava} opõem. Em 1945, ^{estimulado} com a vitória dos aliados coincide com o golpe
 contra Getúlio Vargas (1945).

1.2 - A CRISE DIANTE DA FRÁGIL ECONOMIA NORDESTINA

Vimos no item anterior, ao estudarmos o reflexo da crise no Brasil, ^{conclusão} quando nos referimos ao Nordeste, ^{que o NE} esta região não acompanhou as mudanças ocorridas no país. Em razão deste fato, como devemos inserir ^{este região} o Nordeste no contexto ^{economico} do país? Na verdade a complexidade regional nordestina não é fácil de ser identificada, e quando se faz ressaltando-se formas atrasadas existentes e os valores daí ^{tal análise,} ^{elementos} resultantes. Será possível acreditar que as forças do capitalismo não foram suficientes para transformar essa região?

Há um certo fascínio ^{na descrição} para se descrever ^{de} um Nordeste arcaico, com tons saudosistas, ^a escamoteando-se uma realidade concreta. ^A Para quem serve essa descrição de um Nordeste colonial rico e próspero em contraposição a um Nordeste ^{representar} decadente economicamente?

É necessário atentar que este Nordeste rico e supostamente próspero sedimentou-se numa sociedade profundamente desigual, com objetivo de exportar riquezas.

A região Nordeste se caracterizou pela expropriação dos produtores diretos, inicialmente o escravo, e posteriormente a força do trabalho livre. Neste contexto, foi impossível as reais transformações propostas pelo próprio capitalismo. Face a estas colocações, como compreender o atraso do Nordeste, quando o seu processo histórico teve o sentido de desempenhar um papel importante na acumulação primitiva do capital externo, e internamente esta acumulação, parcela diminuta, ^{dele} ficou retirada nas mãos de uma minoria responsável também, pela

condução do destino da região.

Coube, então, aos grupos poderosos locais, com acesso ao poder político, em qualquer época, apelarem para soluções emergenciais e paliativas como um meio de resolver as dramáticas situações sociais, quando elas já não podiam ser escamoteadas. Esta conveniente posição prolongou, na realidade, um estado de coisas sem solucionar definitivamente os problemas da região Nordeste.

Segundo alguns autores, a problemática nordestina não pode e nem deve ser resolvida por indivíduos ou instituições, mas sim, como questão nacional. Pois, do mesmo modo que se descreve o "sul maravilha" escamoteando-se o empobrecimento das camadas populares, apesar delas existirem, o fenômeno passa a não ser uma exclusividade nordestina. Para outros estudiosos, o problema primordial do Nordeste é a questão agrária.

O Nordeste, região "exótica", tem se notabilizado historicamente como região de tensões sociais e lutas no campo e nos centros urbanos. Esta situação tanto no campo como na cidade tem como motor o monopólio da terra. O camponês nordestino permaneceu durante a República sem nenhuma assistência jurídica, ao sabor da boa vontade dos latifundiários que lhe cedessem uma parcela de terra para utilizá-la e dela retirar sua sobrevivência. Neste estado de subordinação, para ele, as mudanças são inacessíveis e, como única perspectiva o caminho das cidades, onde sem especialização e para sobreviver em frente novas formas de exploração. (5, 22/28).

Neste quadro comum ao Nordeste, se insere a Paraíba

ba, que:

"no período colonial está dividida entre senhores e escravos. Com o advento do regime assalariado, a divisão, igualmente estanque, será, a princípio, entre empregados e empregadores, sob o manto das idéias liberais". (15,50)

Para José Joffily, este tipo de sociedade era comum na Paraíba dos anos 20, onde ricos não se misturavam com pobres, e para reforçar seu pensamento, cita um trecho da época, mostrando que até nas festas públicas se denunciavam as distâncias sociais. Pois, perto do coreto estava a "alta rouda", mais afastado dele ficavam os "menos refinados" e na periferia da praça "agrupava-se a gente mais modesta".

Acrescenta ainda este autor que, nos ídos de vinte: "a relação capital-trabalho permanecia semi-escravista" e, quanto a economia centrava-se ainda no algodão, no açúcar e outros produtos primários e, conclui:

"o processo de industrialização no sul do país, embora incipiente, ia atraindo camponeses sem terra do Nordeste". (15, 52)

~~Apesar do exemplo se relacionar ao Nordeste~~ o autor, quer mostrar a dependência da Paraíba ao mercado externo, enquanto sua população era expulsa por falta de oportunidade. Aliás, ^{lembra} lembra que estas oportunidades, quando surgiam eram para atender programas de desenvolvimento, ^{em estreita dependência} quando ~~dependiamos~~

do produto industrial do sul ou do exterior. A respeito des
 tes programas, comenta a construção de portos, barragens e
 sondagens dependentes:

"do crédito estrangeiro em condições de to
 tal submissão administrativa e financeira,
 mediante contratos de mão-única: todos os
 direitos a contratada e todos os deveres
 para o contratante". (15, 53)

Pelo visto, o capital financeiro carregado à Pa
 raíba escoava-se, enquanto a população empobrecia cada vez
 mais. Para ela, quase nada era oferecido em termos de suas ^{recursos} re
 produção. Os orçamentos se destinavam a obras suntuosas, en
 quanto a própria capital do Estado não dispunha de recursos
 para dotar a cidade de infra-estrutura imprescindível, a medi
 da que cresciam os bairros, ^{de grande} sintoma da marginalização e da
 ampliação das favelas.

Contudo, não faltava meios para uma propaganda
 anti-comunista, inclusive Joffily fornecia importantes escla
 recimentos sobre o assunto. A imprensa, ao comentar, em 1922,
 os acontecimentos relativos ao Forte de Copacabana, acusa os
 militares de "elementos deletérios" sem patriotismo que mal
verteravam a ordem. Mas, enaltecia. Mussolini ^{com} "predestinado...
 e o indomável", que conseguira desbaratar na Itália o bolche
 vismo.

Apesar destas contradições, havia já uma intelec
 tualidade e uma minoria jovem ~~a serem~~ atraídos pelo regime so
 viético. A década de 20, foi na Paraíba cheia de efervescên

cia política. As facções em geral conclamavam mudanças através de expressões como: "redenção" do Brasil, da Paraíba e da República". Estava deste modo preparado o ambiente propício a maior participação do povo nos acontecimentos políticos, conduzido, inicialmente pelo tenentismo (1925-1927), com propostas reformistas e, posteriormente, animado com a campanha de Getúlio Vargas, na qual se envolveu o paraibano.

Ao iniciar Getúlio sua campanha, governava a Paraíba João Pessoa Cavalcanti de Albuquerque (1928-1930), com programa de modificações: comprimindo orçamento, fiscalizando o Tesouro, reorganizou a Fazenda, fez demissões, renovou o quadro administrativo, além de outras medidas, que desagradaram a uns, e favoreceram outros. Despertava a oposição política paraibana numa acirrada manifestação de desagravo entre aliancistas e perrepistas. A frente dos aliancistas, Getúlio Vargas e João Pessoa, e dos perrepistas, aliaram-se a Júlio Prestes e Vital Soares, candidatos respectivos a Presidência e Vice-Presidência.

Com a apresentação dos candidatos a deputação federal, ^{excluiu} sem constar o nome de João Suassuna, o sertão se rebelou na chamada "Luta de Princesa", em 1930, desencadeando ~~at~~ ^{at} tigos "ódio e paixão". As facções políticas, compostas da oligarquia, tomaram posição, ^{conduzindo} com o desfecho do assassinato de João Pessoa, que acelerou por outro lado, a tomada do poder por Getúlio Vargas (1930-1945).

Estes acontecimentos propiciaram também ambiente para:

"a palavra inflamada de adeptos do comunismo, que, aproveitando todos os ensejos, ocasiões próprias como a excitação popular no Estado originada com a campanha política, procurava atrair a massa operária, principalmente". (3, 294)

O operariado paraibano organizava suas associações em defesa da classe e de reivindicações salariais e outras. Esta mobilização culminou com a "Intertona" Comunista (1935), desencadeado por militares dissidentes: na Paraíba o ano de 1935 fora de "grande atividade para a Polícia que teve necessidade de criar um órgão adequado - A ORDEM POLÍTICA E SOCIAL", dirigida por pessoal, especializado, encarregado de fichar os comunistas, simpatizantes e os visitantes suspeitos. Com o fracasso da Revolução de 1935, foi fácil a atuação policial." ()

De 1935-1940, esteve à frente do Governo da Paraíba, Argemiro Figueiredo, que promoveu além de uma ativa administração, inclusive, implantou em Campina Grande serviço de água, telefones automáticos e esgoto. Estas iniciativas, aliás já ~~retardavam~~ para a cidade, ~~que se consagrava~~ como o município de maior arrecadação entre 1941-1944, conforme o quadro seguinte.

Durante o triênio de 1942/1945, Campina Grande abrigava três batalhões, e de 1942/44, funcionava nesta cidade o Quartel General da 7.^a Divisão de Artilharia do Exército, injetando divisas para o município. coincide este período, tendo como Prefeito, Verginaud Wanderley (1940-1945), considerado

como o reestruturador da modernização campinense.

Inaugurava-se nova fase política na Paraíba, com o término da Guerra e a derrubada de Getúlio Vargas.

ARRECAÇÃO DA PARAÍBA, 1941-1944

(*) CMB (?)

Anos	Município	Arrecadação
1941	Campina Grande	11.657.000
	João Pessoa	6.354.000
	Patos	945.000
1942	Campina Grande	9.950.000
	João Pessoa	6.650.000
	Patos	839.000
1943	Campina Grande	12.680.000
	João Pessoa	6.541.000
	Patos	1.170.000
1944	Campina Grande	12.585.000
	João Pessoa	8.614.000
	Guarabira	1.582.000

Fonte: Josué Sylvestre. Lutas de Morte e de vida; fatos personagens da história de Campina Grande (1945-1953). Brasília, Senado Federal, 1962. p. 23.

(*) qual moeda? a moeda "cruzado" nasceu em 1942. Como os valores dos anos de 1941 e 1942 tenham sido indicados a CMB, a fonte deve ter indicado.

2. O "ALERTA" INDUSTRIAL CAMPINENSE

No capítulo anterior, vimos as etapas do sistema capitalista, sob o efeito da crise de 1929 até 1945, tentamos avaliar os reflexos da crise no Brasil e suas consequências na frágil economia nordestina. Observamos também que este período foi importante para o setor industrial têxtil, centrado no sul do país, e o Nordeste na posição de fornecedor de matéria-prima (inclusive a Paraíba). Neste período cheio de inovações, Campina Grande se firmou como centro intermediário do comércio algodoeiro. Face ao já exposto em relação ao Nordeste, cumpre-nos revelar as condições que propiciaram a Campina seu crescimento comercial e compreender o estímulo industrial de Campina. *Grande*

Para quem conhece as cidades interioranas do Nordeste brasileiro, Campina ressalta como centro dinâmico do comércio do interior, não só da Paraíba, alcançou uma densa população e hoje se constitui no centro cultural de importância, além de suas fronteiras Municipais e Estaduais. Apesar deste dinamismo, este município teve um lento processo de crescimento. Data de cerca do final do século XVII, da presença do colonizador português, no local onde hoje se situa Campina. *Povoado*

do foi elevado à condição de freguesia em 1769, e com o nome de Vila Nova da Rainha foi oficialmente elevada à condição de Vila (1790), ^{quilo} somente alçada ^{à categoria de} como cidade em 1864.

Sua formação histórica esteve ligada ao latifúndio pecuarista, como suporte do latifúndio açucareiro, e pela sua posição geográfica, como área intermediária entre o Sertão e o Litoral, firmou-se ~~este núcleo urbano~~ como área de contato. Para ele, convergiram as populações excedente dos latifúndios pecuarista açucareiro, aventureiros, traficantes, tropeiros e tangerinos, atraídos inicialmente pelas feiras de gado e cereais e posteriormente pelo comércio de compra e venda do algodão. Esta mercadoria ^{de} que se tornara matéria-prima por excelência do impulso da Revolução Industrial, Este comércio algodoeiro, tímido e oscilante, teve início em meados do século XIX, porém ^{de} firmou-se no século XX, especialmente nas décadas de 20 a 40 e ~~portanto no intermédio~~ dos dois grandes conflitos mundiais.

O algodão, proveniente do Sertão da Paraíba e de outros estados vizinhos, era aqui beneficiado, e embalado para exportação, servindo assim a indústria têxtil nacional e externa. Durante este período do comércio algodoeiro, ^{campesin} em função desta economia o núcleo urbano recebeu um certo impulso: ~~urbano~~ ^{urbano} nístico, o comércio tornou-se bastante ativo e especializado; inúmeras firmas aqui se estabeleceram para vender, comprar e fazer outras transações com o algodão e ^{diversas} outras mercadorias. Tudo indica que foi tão importante esta economia para Campina Grande, que foi ela agraciada com o prolongamento da rede fer

roviãria Itabaiana a Campina Grande (1907), facilitando desse modo o escoamento da produção e a introdução de novas aparelhagens para o beneficiamento do algodão. Posteriormente, para ^{o algodão} ~~ela~~ convergiram as estradas de rodagem por onde transitariam os caminhões carregados de algodão.

Simultaneamente, o progresso do centro urbano foi impulsionado pelo setor industrial, com o aumento das oficinas, de algumas metalúrgicas, fábricas de facas, estribos, ferraduras e uma série de utensílios metálicos necessários ao consumo da população. Ao lado desta metalurgia, cresceu simultaneamente o aperfeiçoamento do couro, da pele, da sola, do atanaço e mais outros derivados da pecuária, como os laticínios (queijo, manteiga). ^{com} Em conjugação ~~com~~ essas atividades, outros serviços atraíam pessoas qualificadas em ^{diversos} outros ramos de atividade. Quanto à indústria têxtil, ela se limitava à fabricação de redes de grande serventia para a população nordestina. Apesar de toda essa criatividade e da tradicional experiência de fiação e tecelagem (herança dos nativos), para se embalar as sacas frouxas de algodão se importava ^{de} juta da Inglaterra para ^{fabricação de} sacaria.

Desde a segunda década do século 20, que alguns campinenses voltaram suas atenções para o aproveitamento do algodão inferior na confecção de sacarias. ^{E contate a referenc} ~~De proposta~~ cons ~~tante~~ ^{de cruce} em documentos sobre as possibilidades do algodão como tecido para estopa e sacaria, e sua execução prática num estabelecimento fabril, ^{na de dele com} temos o exemplo a Sociedade Anônima Indústria Têxtil de Campina Grande que será objeto de estudo do item que se segue.

2.1 - A SOCIEDADE ANÔNIMA INDÚSTRIA TÊXTIL DE CAMPINA GRANDE

parte

A Sociedade Anônima Indústria Têxtil de Campina Grande, teve seu incipiente início nos sedimentos da firma Aires & Cia., situada em Bodocongó. Compunha ^{essa} ~~essa~~ firma os sócios Dr. Ildefonso Afonso Aires e José Palhano, os quais com certa dificuldade ainda mantiveram o estabelecimento funcionando regularmente até 1930. Neste ano, obviamente a situação financeira da firma se agravou, tendo o senhor José Palhano recorrido ao gerente do Banco Auxiliar do Povo, o senhor Tertuliano Pereira de Barros, para descontar uma duplicata da firma.

600 - entre histore

Por esta época, a firma Aires & Cia passava por reais dificuldades, segundo declaração do próprio Tertuliano, que diz:

"Basta dizer que a firma era devedora de parte de sua maquinaria a S. A. White Martins, verbus-gratis: teares, motores, etc; assim como os aparelhos de fiação que não tinham sido pagos à firma Deustch Otto". (12:25).

O desfecho final desta firma foi a decretação da falência por medida judicial, e daí, conseqüentemente, a demissão de todos os operários e outros empregados que serviam a firma. Segundo depoimento ainda de Tertuliano Pereira de Barros, a situação de desemprego que esta falência provocava ^o lhe preocupou de tal maneira que ^{ele} procurou o então juiz da Comarca Dr. Severino Montenegro, apelando para que fosse retirado o

mandato judicial, reabrindo-se ^o a firma com vista a ^{minorar} atender o problema social. Assim sendo, assumia a direção da fábrica de Bodocongô o Senhor Tertuliano Pereira de Barros.

Constava do novo contrato assinado por Tertuliano, ^{que} ^{assumia} as responsabilidades do débito, a seguinte cláusula:

"A fábrica pagará a massa (trabalhadora) a quantia de 5\$000 por saco de fio e \$040 por cada saco ali fabricado". (12;26)

Na verdade, a preocupação de Tertuliano foi esta belecida contratualmente, e durante o tempo de sua direção a frente da fábrica, ele procurou gerir os negócios de modo a vencer as dificuldades. Para cumprir as obrigações do débito, comprava o algodão necessário ao funcionamento dessa fábrica, sob o compromisso de pagamento da matéria prima, após receber o capital proveniente da venda do produto manufaturado. Este procedimento, nem sempre recebeu o apoio dos credores, é o caso por exemplo, da S. A. White Martins ^{que} propondo ^{me} ação reivindicatória contra a fábrica, tendo sido julgada procedente e recebeu as máquinas ainda não pagas.

Face a estas circunstâncias, agravava-se a situação da fábrica, que novamente teve suas máquinas paralisadas e a subsequente demissão dos operários. Apesar deste fato, ao se proceder o balanço geral, ^{se} verificou-se um lucro de 16:546\$000, e, ainda se obteve algum recurso com o leilão efetivado com o resto da aparelhagem. Pelo visto, a empresa fora golpeada e a

problemática social de desemprego se repetiu. Nesta fase da reordenação da fábrica de Bodocongô até sua nova reordenação como S. A. Indústria Têxtil de Campina Grande, três anos decorreram (1933). Com esta denominação, a fábrica, será reativada e contando com a participação de ações de interessados no negócio. No dia 06.10.1933, lavrou-se a escritura de arrematação do prédio e instalações, que seriam incorporada como Bens de Capital à Sociedade recém-criada. Dispondo desses bens, à 14.07.1933, se reunia a I Assembléia Geral, presidida pelo Senhor João Leôncio de Castro, que dirigiu os trabalhos para eleição da Diretoria, composta dos seguintes nomes: (2)

Presidente: Tertuliano Pereira de Barros

Secretário: João Araújo

Tesoureiro: Eugênio Veloso da Silveira

Fiscal: José Cavalcante de Arruda

Francisco Maria e

Malaquias de Souza do Ó

Suplente: Alfredo Ferreira de Barros

João Leôncio de Castro e

João Marques de Almeida

Exatamente, decorrido um ano de estar a nova diretoria,
Justamente, após um ano do estabelecimento se

Po que?
reuniram os acionistas para avaliação do Balanço, tendo nesta ocasião se verificado certa desinteligência entre alguns sócios, dentre os quais Tertuliano de Barros, retirando-se da sociedade, com outros. Tertuliano, maior acionista vendeu suas ações ao Senhor Aprígio Veloso da Silveira, assumindo assim a

família Veloso da Silveira o domínio da empresa, cabendo a partir de então a esta família dirigir os destinos da fábrica.

2.2 - ORGANIZAÇÃO EMPRESARIAL

Nos ^{Basear-no-curr} basearemos ^{notícias} para o estudo deste item, na documentação da empresa, algumas delas publicadas no jornal A União da imprensa paraibana, informes obtidos através de entrevistas realizadas com Diretores, empregados burocráticos, e publicações outras relativas a Campina Grande. Assim sendo, tentaremos sintetizar a organização da empresa a partir de 25.05.1933 até 1945, tempo fixado para o estudo dessa iniciativa industrial têxtil campinense, sob a tutela da família Veloso da Silveira.

Para formalizar a sociedade, foram convocados os acionistas com a finalidade de nomear os peritos que avaliaram os:

"Bens que subscreveram para a referida sociedade alguns subscritores". (3)

No dia 04.07.1933, atendendo a convocatória reuniram-se os acionistas ^{que} sob a Presidência de João Leôncio Castro, ^{que} iniciou os trabalhos, comunicando que era objetivo da aquela reunião instalar uma Sociedade Anônima em Campina Grande para explorar a fabricação de tecidos e seus derivados. Porém, ~~em virtude de ter~~ ^{que} verificado que, entre os acionistas listados, alguns deles apresentava cotas de ações em bens de

raiz (móveis, máquinas, acessórios, e etc.), o que contrariava o Estatuto previsto para a empresa, que fixava o valor das ações. Propôs, então, que fosse nomeado louvadores para procederem a avaliação dos bens de raiz, os quais deviam compor o capital da futura empresa. Suspensa a reunião, fixou-se a data 14.07.1933 para a realização definitiva da instalação da empresa. (12; 28).

No dia 14.07.1933, conforme fora estabelecido, reuniram-se 21 acionistas, sendo que o de maior número de ação (3.495) correspondendo um capital de 349:500\$000, pois cada ação valia 100\$000, enquanto o sócio de menor número de ação possuía apenas (5). Nesta reunião se divulgou o resultado da avaliação dos bens de raiz. E somente na segunda reunião, (13.09.1934) foi lida a carta de Tertuliano Pereira de Barros pedindo sua exoneração do cargo de Diretor-Presidente, e daí, se procedeu eleição para os diversos cargos vagos. A gestão 1934 a 35, ainda, contou nos cargos de direção o nome de vários acionistas, entretanto na reunião de 30.03.1936, foi aclamado Presidente da Empresa o Senhor Domício Veloso da Silveira e para os outros cargos vagos familiares do Presidente.

O conglomerado empresarial da família Veloso da Silveira, tenderia a monopolizar os cargos e as ações, de modo que passariam a gerir a empresa segundo, os interesses familiares, tanto isto é verdade que, o Secretário da Fazenda Pública num artigo ^{publicado} na A União de 08.05.1941, intitulado "Um Exemplo a Imitar" enaltecendo a empresa, dizia:

"Dirigida pelos irmãos Veloso, destaca-se a capacidade técnica e o desvêlo e a tenacidade devido as dificuldades com que se

deparam também a paciência e perseverança na consecução dos fins a que se propuseram". (*)

E prosseguindo em sua exposição, o Secretário da Fazenda ressalta o resultado do plano dessa família, desejosa de servir ao Torrão Natal, com vista:

"de desprendê-lo das garras dos estranhos, que só querem drenar o capital brasileiro para outra plagas". (*)

Notícia ainda o articulista o empenho dos irmãos Veloso da Silveira na utilização de instrumentos nacionais, fabricando eles próprios peças necessárias a fábrica em suas oficinas. Embora este material fosse rudimentar, satisfazia à indústria e aos seus proprietários, que desta maneira se liberavam de importações de peças, limitando-se exclusivamente a aquisição de maquinarias mais especializadas inexistentes no país. Concluindo, o Secretário, ~~segundo nosso entender~~, louva ^{por o exterior} os irmãos Veloso que, ao invés de escoar o capital, investia na empresa e assim contribuía para o desenvolvimento do país.

Passaremos agora, após as esclarecedoras palavras do Secretário da Fazenda da Paraíba, sobre o empreendimento da família Veloso, a sintetizar o Estatuto da Sociedade Anônima Indústria Têxtil de Campina Grande, com vista a melhor compreender a organização da empresa. Continha o Estatuto sete capítulos, obedecendo as normas estabelecidas por Lei Federal. Em linhas gerais, este Estatuto fixa o ano social do último dia de julho de cada ano, para prestação de contas, ex

por o Balancete e promover eleição. O capital inicial da empresa foi de 400:000\$000 ou seja 4 mil ações. Da composição societária da empresa, fazia parte qualquer acionista desde que possuísse uma ação. Apesar de participarem das Assembléias, discutirem, todavia somente eram eleitos para os cargos de Direção, dependendo ^{quem possuir um voto} do número de ações que possuissem e só votavam os acionistas com mais de 5 ações.

A administração da empresa ficava, deste modo, a cargo de Diretores eleitos, entre os quais um assumiria a Presidência, o 2º, a Tesouraria, e o 3º, Secretaria. Competia ao Diretor nomear e demitir pessoal; fixar ordenado e estabelecer contratos de acordo com suas conveniências; superintender os negócios; fixar os dividendos a serem distribuídos entre os acionistas semestralmente ou anualmente; convocar reuniões; depositar o lucro no Banco; apresentar relatório e receber prolabore do acordo com o lucro correspondente a 12%.

O Conselho Fiscal, eleito entre os acionistas por um período de um ano, tinha como atribuições comparecer às Assembléias gerais; dar parecer sobre os negócios e outras recebendo de prolabore 1% sobre o lucro líquido anual. Quanto à Assembléia, além das normas de praxe, dispostas em 11 Artigos (Art. 32 a 43), nem sempre obedecidos. O capítulo 6º, que trata do Fundo de Reserva, do Fundo de Deterioração, do Fundo de Beneficiência e dos Dividendos, pela própria denominação dispensa comentários, e quanto ao capítulo 7º das Disposições Gerais igualmente ^{nao tem} sem interesse para nosso estudo.

Cumpre-nos agora tecer alguns leves comentários

2.3 - PROCESSO DE DESPOLITIZAÇÃO DO OPERÁRIO

Pretendemos, agora, entrar num terreno pouco explorado no Brasil, quase não estudado no Nordeste, difícil de ser encontrada na historiografia paraibana e quanto a Campina Grande, nada, ou quase nada conseguimos ^{um} com relação ao trabalhador assalariado. Acrescente-se a esta ordem de dificuldade, o fato de desejarmos focalizar o assalariado de uma fábrica.

Para os estudiosos do assunto, o "sistema de fábrica" impulsiona a Tecnologia, impondo-se como instrumento para incrementar a produtividade do trabalho e, sobretudo, controlar, disciplinar e hierarquizar o processo de trabalho. ^(8;25) Por outro lado, a industrialização é decantada como marco do desenvolvimento. Em razão desta concepção, se contrapõe ^o do Sul industrializado - "desenvolvido" -, ao Nordeste agrário - subdesenvolvido.

Ora, Campina Grande - uma cidade encravada no interior paraibano, de ativo comércio algodoeiro, dispendo assim de matéria-prima excepcional para dirigir esforços ao setor industrial têxtil, ficou adormecida e somente em 1933 os Veloso da Silveira, com alguns sócios, restabeleceram da falência a Fábrica de Bodocongô, reestruturando-a com a denominação de SOCIEDADE ANÔNIMA INDUSTRIAL TÊXTEL DE CAMPINA GRANDE, cujo funcionamento foi descrito no capítulo anterior.

Durante um ano, pesquisamos neste estabelecimento fabril (1983 - 1984) e tivemos contato com diretores, funcionários graduados, entrevistamos alguns, inclusive ^{um} operário, e

?? { desta convivência, notificamos um relacionamento entre patrão e empregado de respeito, compreensão e harmonia. Do exposto podíamos adiantar que a S/A ITCG, é um modelo de fábrica que foge a toda teoria existente sobre o assunto, que vê nela um foco dos conflitos sociais e na "classe operária um perigo". Nesta fábrica, que resiste ^{há} as crises econômicas, ~~faz~~ cinquenta anos, as relações capital/trabalho são harmônicas.

Fomos informados ^{que} que não houve, durante a gestão da fábrica pelos Veloso da Silveira, ~~de~~ nenhuma mobilização dos operários, ^{os} ~~os~~ problemas trabalhistas, quase sempre foram resolvidos entre empregador/operário, e somente poucos ^{para} à Justiça do Trabalho. Para se obter este resultado, hoje, a direção se reúne conjuntamente com ^{os} ~~cinco~~ operários para ouvi-los, debater problemas e, quando ^{sejam} justas as reivindicações, elas são ^{atendidas} ~~resolvidas~~ ^{pelos} resolvidas com a direção.

^{Os} Estes contactos com os operários reunidos se realizam no interior da fábrica, quase sempre, nas sexta-feiras, dia de pagamento. O debate é franco, segundo informações da direção, e os operários manifestam-se livremente. Nestas ocasiões são detectados os problemas entre operário/fábrica. ^{o operário} Recebe, também, ele do empregador, no dia-a-dia, toda atenção necessária, até mesmo, os problemas de natureza familiar e ^{do} doméstico são levados à direção, que os ajuda: consertando casa, conseguindo condução para levar a maternidade ou hospital ou familiar doente, e, o fato do empregado solicitar estes benefícios e, dela receber atenções, é um sintoma da confiança do operariado à instituição fabril. (*)

(*) Dos vários contatos feitos com o Dr. Ademar Veloso da Silveira, que nos facilitou o acesso à documentação obtivemos as informações acima referidas.

figura uma
 Da entrevista ~~realizada~~ com João Francisco da Silva, (13) nascido em 30.05.1914, que conhece a Fábrica desde quando ^{ele} pertencia a Firma Aires & Cia., onde iniciou sua ^{função o autônomo, ele} função de operário em 1928, com apenas 14 anos. Antes morava num sítio no Louzeiro, de propriedade do pai que era lavrador. Todavia, três de suas irmãs ^f trabalhavam na Firma de Tecelagem, sendo ele o encarregado de levar diariamente o almoço. Nestas ocasiões, fez contatos com o pessoal da firma, sendo convocado para trabalhar como varredor, e sucessivamente, foi escalando posição até a de chefe de secção, quando se aposentou.

Na época da Firma Aires & Cia, o estabelecimento compunha-se de "dois vãos cobertos de zinco". Em um se procedia a fiação e no outro a tecelagem para a confecção de sacos. Na dependência de produção de fio, havia quatro fiações- "filatório" como era chamado - que para ser ^{utilizada} precisava de quatro homens - dois de cada lado. A maioria do operariado era do sexo feminino, em geral em número de cinquenta e, somente nos momentos de maior produção, fazia-se novas convocações.

João Francisco
 Logo, ao entrar na firma, conseguiu frequentar o Colégio do Professor Anésio Leão, no turno da noite, onde aprendeu, na Cartilha do ABC e na Tabuada, os únicos ensinamentos. O período de aprendizagem foi de curto tempo "em virtude de suas preocupações com o trabalho". O expediente ia de seis às onze e de doze às dezessete. Na condição de varredor, recebia um cruzado por dia, ou seja 2\$400 por semana (1928).

Com a crise política de 1930, a firma, que já estava em situação ruim, teve que fechar. Antes porém, no ano de

1929, houve na fábrica uma greve de três dias, liderada pelo operário José Guedes, "um comunista", segundo opinião do entrevistado. Esta mobilização foi motivada pela proibição de os operários almoçarem no interior do estabelecimento fabril. Aquela foi a única greve ^{na} que havia assistido. Com a reabertura da fábrica (1933), ^{ele foi} a direção dos Veloso da Silveira, ^{veloso da Silveira} já ja mais os operários tiveram motivo de se revoltarem.

Com referência aos Veloso da Silveira, declara o entrevistado, que sempre recebeu deles especial atenção. Conheceu a todos, alguns acompanhou ^{na} seu crescimento, visto que com a reabertura da fábrica em 1933, ^{ele foi} foram convocados, assim como os operários que antes trabalharam na firma. Durante quarenta anos de convivência com os proprietários da S/A ITCG, foi sempre respeitado e considerado ^{por} alguns ^{deles} "um pai". É casado com uma operária, pai de doze filhos, dez vivos, e alguns deles, hoje trabalham na Fábrica. E apesar de já aposentado, mora em casa cedida pela fábrica.

Através de informações obtidas do Sr. José Clementino, Chefe do Departamento de Pessoal da Empresa, funcionário recente, colhemos as seguintes notícias: o recrutamento do pessoal era feito de acordo com as necessidades, a especialização e de preferência que residisse no bairro. O turno de trabalho é remanejado conforme a demanda da matéria-prima, obedecendo o seguinte sistema de revezamento:

- 1º Grupo (de 06 horas às 11 horas);
- 2º Grupo (de 11 horas às 16 horas);
- 1º Grupo (de 16 horas às 20 horas);

2º Grupo (de 20 horas à 0 hora);

Esta disposição de revezamento em grupo compreende o seguinte: o do 1º grupo (06 - 11 horas) retoma o horário do 1º grupo da tarde e assim sucessivamente com o 2º grupo. Para a seleção do operário, se procede ^{va} um treinamento e , só após trinta dias de experiência, era realizado o contrato. A fábrica tem em seu corpo um número considerável de mulheres. Na condição de funcionário mais novo, pouco podia informar do período de nosso estudo, embora já tivesse encontrado o sistema de contratação estabelecido. (**)

Pelo exposto, quase nenhuma notícia da relação capital/trabalho obtivemos do período de 1933/1945, fase que é caracterizada pela subordinação do trabalhador ao Estado. Vigorava então como paradigma da classe operária uma condição de sujeito subordinado. Ora, se esta condicionante era comum ao trabalhador brasileiro em geral, nos idos do getulismo, para o campinense esta subordinação se apresentava como uma constante, visto que as relações sociais de trabalho no Agreste nordestino se processou através do uso da terra, cedida pelo latifundiário. Após a Revolução de 1930 o patrão era o Estado e cabia a este ceder os direitos para harmonizar a classe operária com os interesses do empresariado nacional.

*o indicado
no trabalho
no Estado*

o Estado possui o interesse

divulgar os seus trabalhos, em o fim declarado de

Para isto Getúlio Vargas exigiu de seus subordini

(**) José Clementino foi a pessoa indicada para fornecer a documentação do setor de pessoal, que nos forneceu únicamente as informações transcritas.

nados diretos a inovação dos regulamentos, de modo a dotar os Trabalhadores de Leis ^{regulamentaram} que controlassem o trabalho, ao mesmo tempo que controlava os sindicatos, aprovando a Lei Sindical de 1939. As iniciativas legais eram proclamadas no dia primeiro de maio, ocasião em que o trabalhador parava para ouvir a voz do "pai dos pobres", que em 1943 decretava A Consolidação das Leis do Trabalho - CLT, consolidando assim todas as leis antes existentes em um único instrumento.

O Decreto Lei nº 5.452 de 01.05.1943 que regulamentava as relações de trabalho, constituiu o agrupamento de direitos já anteriormente adquiridos, alguns deles, através de luta do operariado. Porém estas conquistas foram assumidas pela política populista de Getúlio. Esta Lei não atingiu o Trabalhador Rural e foi um instrumento de manipulação utilizado pelos empresários, sobretudo nordestinos, que procediam, em geral, de famílias latifundiárias, habituados ao sistema de pagamento não-assalariado.

Deste modo, a aceitação das determinações legais como a jornada de oito horas o voto secreto se constituíram, além de outras, um golpe nas oligarquias locais do Nordeste. No entanto, esta região dispunha de mão-de-obra excedente bastante e facilmente os empresários conseguiram estabelecer mecanismos de defesa em favor de seus interesses, que estavam intimamente ligados à manutenção do latifúndio, como propiciador de subordinação do trabalhador direto à terra. Nestas circunstâncias os centros urbanos e neles o "sistema de fábrica, puderam subordinar igualmente o operariado".

Em Campina Grande, centro comercial por excelência, a iniciativa da Associação dos Empregados do Comércio surgiu em 1919 e, em 1941, se transformou em Sindicato. Provavelmente, em razão, da fragilidade do setor industrial, quase limitado a algumas oficinas, artesanato de rede e fios, a iniciativa sindical têxtil somente se organizou bem mais tarde. Acrescente-se a esta tardia iniciativa, o fato de o Sindicato getulista se caracterizar por padrões assistencialistas.

No caso dos operários da S/A ITCG, registramos que seus operários dispensavam o Serviço do Síndico, visto que a direção era assistencialista com o processo de paternalismo vigente na empresa, hoje, podemos avaliar como foi no período 1930 - 1945, quando o operariado era inexperiente, a concorrência de mão-de-obra era maior do que a demanda, existia a ameaça da polícia, a repressão ideológica e ainda a concepção de que participar da condição de operário era uma ascenção social.

Aliás, a associação da idéia de "sistema de fábrica" com desenvolvimento era divulgada pelos rádios e imprensa. O processo utilizado pela S/A ITCG, de envolver o proletário numa ideologia de empresa como protetora do operário, fica bem esclarecida na entrevista com João Francisco da Silva e bastante explicitada pela direção da empresa. Provavelmente esta política paternalista desarticulou o ^{desarticulou} operário, como elemento de contestação, descaracterizou-o como agente do conflito social, ou seja, despolitizou-o. Daí a possibilidade de harmonisar capital/trabalho.

Assim posto, fica de certo modo explicado o posição

cionamento do operário (que) cuja situação mais ainda ^{era} agravada pela concentração de familiares participando da mesma empresa fabril. No caso do nosso entrevistado, tivemos oportunidade de constatar a participação de sete membros da família em suas ramificações na condição de operário, ~~A~~ rebeldia ou insatisfação de qualquer um deles obviamente seria contida no próprio ambiente familiar, porquanto significava o desemprego de to dos ou a maior subordinação a empresa dos que não aderiam.

É importante ainda salientar que este sistema fabril inaugurou em Campina a primeira Vila operária. Assim era assegurado ao operário residência na proximidade da Fábrica, numa fase em que o serviço de transporte urbano era precário e para se chegar ao trabalho tinha que ^{se} vencer grandes distâncias. Eis aí uma das razões da preferência de utilizar a população da periferia do bairro de Bodocongô como operário.

Além do mais o sistema de Vila Operária foi um instrumento de controle da vida do operário.

Era nosso propósito concluir esse ítem, demonstrando o balancete da empresa, a fim de comprovar que o sistema capital/trabalho da S/A I.T.C.G. atingiu o objetivo que se propõe uma empresa capitalista, isto é, a reprodução do capital. A pesquisa foi realizada porém não tivemos condições de manipular os dados estatisticamente e por isso deixamos de citar.

CONCLUSÕES

Através deste estudo monográfico, tivemos a oportunidade de melhor avaliar o mecanismo do sistema capitalista como política de dominação.

Constatamos também a influência dos Estados Unidos no Brasil e os reflexos desta atuação a nível de Nordeste.

Com relação à Campina Grande, focalizamos o estudo da S.A.I.T.C.G. como uma iniciativa ligada a fabricação de fios e sacaria sob, a direção Veloso da Silveira de 1933 a 1945 período focalizado pelo trabalho, apesar de ^{a empresa} permanecer no domínio deste grupo até os dias atuais.

Fizemos uma pesquisa válida sobre a empresa, que possibilitou historiar seu desenvolvimento como empresa capitalista.

Como era de esperar não foi fácil obtermos a documentação referente ao proletariado dessa indústria têxtil durante o período em foco. Com relação a questão capital-trabalho, fizemos algumas considerações sobre o processo de manipulação com vista a despolitização e subordinação do proletário ao paternalismo da empresa.

BIBLIOGRAFIA

A. FONTE DOCUMENTAL

1. ALVES, Miguel Falcão. "Um exemplo a imitar." A UNIÃO. maio.1941.
2. Ata da Assembléia de Constituição da Sociedade Anônima Indústria Têxtil de Campina Grande (04.07.1933) A União. 25 de agosto de 1933.
3. "Ata da Assembléia Geral da Constituição Definitiva da S/A ITCG," (14.07.1933).
4. "Ata da Assembléia Geral Ordinária S/A ITCG" (30.03.1936). A União, 03.04.1936.
5. "Ata da Assembléia Geral da S/A ITCG." (31.03.1941). A União. 09.04.1941.
6. "Ata da Assembléia Geral Ordinária da S/A ITCG." (18.03.1942). A União, 27.03.1942.
7. "Ata da Assembléia Geral Ordinária da S/A ITCG." (25.03.1942). A União, 27.03.1942.
8. "Ata da Assembléia Geral Extraordinária da S/A ITCG" (05 de maio de 1942). A União, 13.05.1942.
9. "Ata da Assembléia Geral Ordinária da S/A ITCG" (10.04.1943). A União. 15.04.1943.
10. Ata da Assembléia Geral Ordinária da S/A ITCG (28.04.1944).
11. "Ata da Assembléia Geral Ordinária da S/A ITCG." (25.04.1945). A União.
12. BARROS, Tertuliano Pereira de. Meio Século de labor. João Pessoa, A União, 1943.

13. CHAGAS, Genidalva Cabral. Indústria têxtil de Campina Grande, (1930-1945). Campina Grande. 1984. (Entrevista feita à João Francisco da Silva).
14. Convocatória para primeira Assembléia Geral Ordinária da So ciedade Anônima Indústria Têxtil de Campina Grande. (26 de junho de 1933). A União, 27.06.1933.
15. Convocatória para segunda Assembléia Ordinária (13.09.1934) A União, 10.09.1934.
16. Convocatória para Assembléia Geral Ordinária (15.03.1938). A União, 04.03.1938.
17. Convocatória para Assembléia Geral Ordinária (31.03.1939). A União, 22.03.1939.
18. Convocatória para Assembléia Geral Ordinária (15.03.1941). A União, 12.03.1941.
19. Convocatória para Assembléia Geral Ordinária (30.05.1941). A União, 22.05.1941.
20. Convocatória para Assembléia Geral Ordinária (18.03.1942). A União, 01.03.1942.
21. Convocatória para Assembléia Geral Ordinária (25.03.1942). A União, 21.03.1942.
22. Convocatória para Assembléia Extraordinária (04.05.1942). A União, 01.05.1942.
23. Convocatória para Assembléia Geral Ordinária (10.04.1943). A União, 31.03.1943.
24. Convocatória para Assembléia Geral Ordinária (28.04.1943). A União, 12.04.1944.

25. Convocatória para Assembléia Geral Ordinária (15.04.1944). A União, 10.03.1944.
26. Convocatória para Assembléia Geral Ordinária (28.04.1944). A União, 12.04.1944.
27. Convocatória para Assembléia Geral Ordinária (11.02.1946).
28. Decreto nº 453. 16.12.1933. Concedendo isenção de impostos.
29. ————. nº 490. 01.03.1934. Alterando o prazo isenção de impostos.
30. Estatuto da Sociedade Anônima Indústria Têxtil de Campina Grande. trans. original arquivado na indústria.
31. Parecer do Conselho Fiscal. S/A ITCG. (30.06.1934). A União. 07.08.1934.
32. Relatório apresentado na Assembléia Geral Ordinária (07 de setembro de 1934).
33. ~~Relatório do Exercício~~. 31.12.1936. (Apresentado na Assembléia Geral Ordinária 31.04.1937).
34. ~~Relatório do Exercício~~, 31.12.1937. (Apresentado na Assembléia Geral Ordinária, 15.03.1938).
35. ~~Relatório do Exercício~~, 31.12.1938. (Apresentado na Assembléia Geral Ordinária, 31.03.1939).
36. ~~Relatório do Exercício~~, 31.12.1939. (Apresentado na Assembléia Geral Ordinária, 28.03.1940).
37. ~~Relatório do Exercício~~, 31.12.1940. (Apresentado na Assembléia Geral Ordinária, 12.03.1941).
38. ~~Relatório do Exercício~~, 31.12.1941. (Apresentado na Assembléia Geral Ordinária, 18.03.1942).

39. Relatório do Exercício, 31.12.1942. (Apresentado na Assem
bléia Geral Ordinária, 10.04.1943).
40. Relatório do Exercício, 31.12.1943. (Apresentado na Assem
bléia Geral Ordinária, 28.04.1944).
41. Relatório do Exercício, 31.12.1944. (Apresentado na Assem
bléia Geral Ordinária, 25.04.1945).
42. Relatório do Exercício, 31.12.1945. (Apresentado na Assem
bléia Geral Ordinária, 12.02.1946).

* O artigo intitulado: "um exemplo a imitar", de autoria de Miguel Falcão Alves, publicado em Jornal "A UNIÃO" de 08.11.41, por lapso deixou de ser listado.

B. OBRAS IMPRESSAS

1. ALMEIDA, Elpídio de. História de Campina Grande. 2 ed. João Pessoa, Universitária, 1979. p. 35-67 e 123-137.
2. ALMEIDA, José Américo de. A Paraíba e seus problemas. 3 ed. João Pessoa, A União, 1980. p. 511-563.
3. ANDRADE, Delmiro Pereira. Evolução histórica da Paraíba do Norte. p. 221-295.
4. ANDRADE, Manuel Correia de. A Terra e o homem do Nordeste. São Paulo, Brasiliense, 1963. 265 p.
5. BERNARDES, Denis. A crise nacional e a questão regional. Vi das secas. Recife. 3:22 - 28, jan, fev. mar. 1981.
6. BURNS, E. Bradford. As relações internacionais do Brasil durante a primeira república. In: o Brasil republicano, Coord. Boris Fausto. Rio de Janeiro, Difel, 1977. 2:375-400.
7. CATANI, Afrânio Mendes. O que é capitalismo. ed. 10. São Paulo, brasiliense, 1983, p. 86-123. (Col. Primeiros Passos, 4).
8. DECCA, Edgar de. O nascimento das fábricas. São Paulo, Brasiliense, 1982, p. 41-71. (Col. tudo é história 51).
9. FAUSTO, Boris. A Revolução de 1930, historiografia e história. 2 ed. São Paulo, Brasiliense, 1972. 119 p.
10. FENELON, Dêa Ribeiro. "Fonte para o estudo da industrialização no Brasil (1889-1945)". Revista Brasileira de História. São Paulo, 2/3: 79-115, mar. 1982.

11. FERREIRA, Lúcia de Fátima Guerra. A Coluna Prestes e a Paraíba, João Pessoa, Universitária, 1980. 31 p. (Col. Universitárias. 5.).
- 12. Fundação Movimento Brasileiro de Alfabetização. Município de Campina Grande. João Pessoa, Unigraf. 1984. p. 31-55 e 119-143. (Col. Livros dos Municípios. 002).
13. JOFFILY, José. Revolta e Revolução cinquenta anos depois. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979. p. 57-71 e 157-181. (Col. Estudos Brasileiros 43).
14. ————. Entre a monarquia e a república, idéias e lutas de Irenêo Joffily. Rio de Janeiro, Kosmos, 1982. p. 61-91.
15. ————. Porto político. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1983. p. 49-56. (Col. Retratos do Brasil - 171).
16. ^{RIBEIRO SÚNIOR, José.} JUNIOR, José Ribeiro. A economia Algodoeira em Pernambuco. Revista Brasileira de História. São Paulo, 2/3, 234-242, mar. 1981.
17. LAMOUNIER, Bolívar. Formação de um pensamento político autoritário na primeira república. In: O Brasil republicano, Coord. Boris Fausto. Rio de Janeiro, Difel, 1977. 2: 343-374.
18. LOBO, Eulália Maria Lahmeyer. O estado e a política agrícola no Brasil no século XIX. Revista Brasileira de História, São Paulo, 2/3: 18:31, mar. 1982.
- 19. MARIZ, Celso. Cidades e homens. João Pessoa, A União, 1945. p. 13-32.
20. MARTINS, Eduardo. A União Jornal histórico da Paraíba. João Pessoa. A União, 1977. p. 278-294.

B. OBRAS IMPRESSAS

1. ALMEIDA, Elpídio de. História de Campina Grande. 2 ed. João Pessoa, Universitária, 1979. p. 35-67 e 123-137.
2. ALMEIDA, José Américo de. A Paraíba e seus problemas. 3 ed. João Pessoa, A União, 1980. p. 511-563.
3. ANDRADE, Delmiro Pereira. Evolução histórica da Paraíba do Norte. p. 221-295.
4. ANDRADE, Manuel Correia de. A Terra e o homem do Nordeste. São Paulo, Brasiliense, 1963. 265 p.
5. BERNARDES, Denis. A crise nacional e a questão regional. Vi das secas. Recife. 3:22 - 28, jan, fev. mar. 1981.
6. BURNS, E. Bradford. As relações internacionais do Brasil durante a primeira república. In: o Brasil republicano, Coord. Boris Fausto. Rio de Janeiro, Difel, 1977. 2:375-400.
7. CATANI, Afrânio Mendes. O que é capitalismo. ed. 10. São Paulo, brasiliense, 1983, p. 86-123. (Col. Primeiros Passos, 4).
8. DECCA, Edgar de. O nascimento das fábricas. São Paulo, Brasiliense, 1982, p. 41-71. (Col. tudo é história 51).
9. FAUSTO, Boris. A Revolução de 1930, historiografia e história. 2 ed. São Paulo, Brasiliense, 1972. 119 p.
10. FENELON, Dêa Ribeiro. "Fonte para o estudo da industrialização no Brasil (1889-1945)". Revista Brasileira de História. São Paulo, 2/3: 79-115, mar. 1982.